

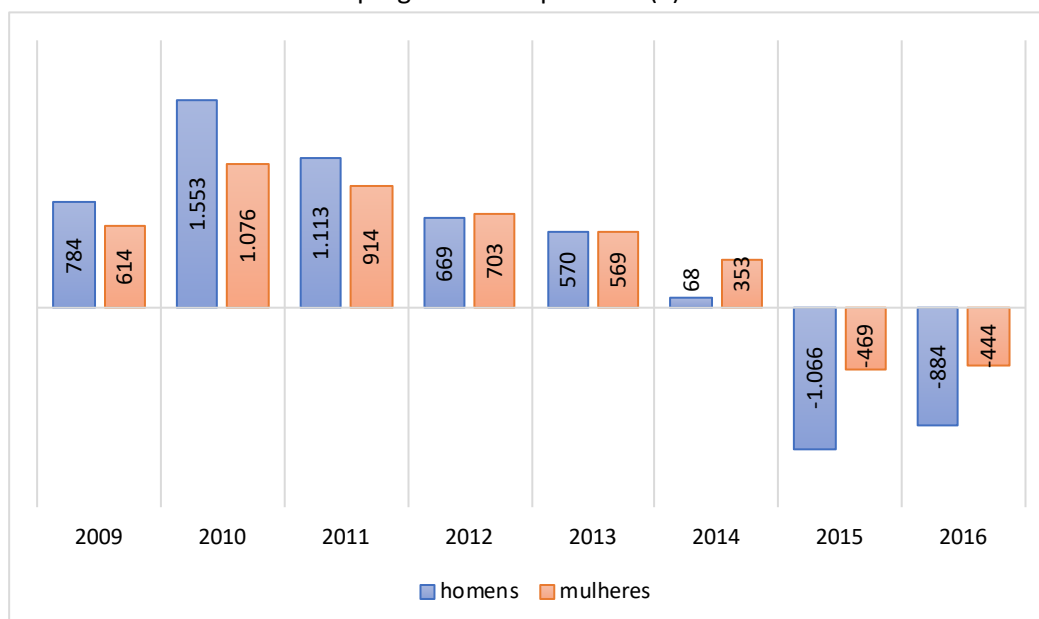
DIEESE – Subseção APCEF/SP

Informe semanal – nº 146 – 1º de dezembro de 2017.

Carteira de trabalho: objeto de valor sentimental

O emprego com registro em carteira, contrato por tempo indeterminado, cai por causa da recessão econômica e legislação frouxa. Índices do IBGE confirmam: a pequena redução no desemprego no segundo semestre deste ano ocorreu graças ao incremento do trabalho por conta própria, variável que seria melhor denominada “cada um se vira como pode”. O anuário estatístico do DIEESE também indica o futuro do contrato formal: somados 2015 e 2016, desapareceram 2,8 milhões de celetistas. Em breve, a carteira de trabalho terá por destino um canto qualquer.

Gráfico 1 - Saldo anual de emprego celetista por sexo (*) – em milhares – 2009-2016



(*) Diferença entre contratações e demissões - Ministério do Trabalho – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)

Fonte: DIEESE – Anuário dos Trabalhadores 2016

Para os de menor renda, o orçamento se destina ao essencial

Menor a renda familiar, dinheiro para o essencial. Nas famílias que ganham até dois salários-mínimos, 29,6% dos recursos se destinam a alimentação. Para aquelas com renda superior a 25 salários-mínimos, 12,6%. Outros itens dos dois extremos: em educação, menor renda 1% do orçamento e maior, 4,3%; recreação, menor renda 1,2% e maior renda 2,5%; saúde, menor renda 5,9% e maior renda, 8,3%.

Tabela 1 – Proporção do orçamento familiar destinada a despesas de consumo, segundo a renda

itens das despesas de consumo	Renda familiar em número de salários-mínimos (*)						
	até 2	mais de 2 e até 3	mais de 3 e até 6	mais de 6 e até 10	mais de 10 e até 15	mais de 15 e até 25	acima de 25
alimentação	29,6%	27,0%	23,6%	19,8%	17,3%	15,0%	12,6%
habitação	39,6%	39,7%	37,5%	35,9%	34,8%	32,1%	33,9%
vestuário	5,8%	5,7%	6,0%	5,9%	5,3%	5,1%	4,8%
transporte	10,3%	12,1%	15,4%	19,7%	22,1%	25,3%	26,3%
higiene e cuidados pessoais	3,0%	2,9%	2,9%	2,5%	2,3%	1,9%	1,5%
assistência à saúde	5,9%	6,5%	6,9%	7,0%	7,2%	7,8%	8,3%
educação	1,0%	1,3%	1,8%	2,9%	3,8%	5,1%	4,3%
recreação e cultura	1,2%	1,4%	1,7%	1,9%	2,3%	2,4%	2,5%
fumo	1,0%	0,9%	0,8%	0,6%	0,4%	0,3%	0,3%
serviços pessoais	0,9%	0,9%	1,1%	1,2%	1,3%	1,3%	1,2%
despesas diversas	1,8%	1,8%	2,3%	2,7%	3,2%	3,6%	4,2%

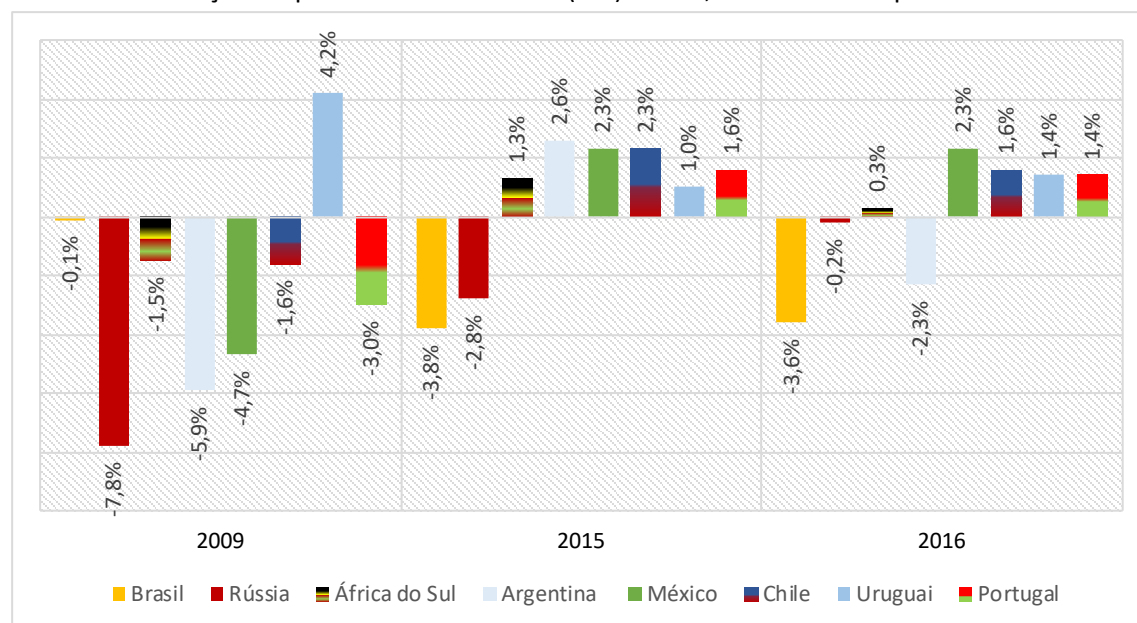
Fonte: DIEESE - Anuário dos Trabalhadores 2016

(*) Com base em Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE de 2008

O PIB brasileiro na contramão de semiperiféricos

Emprego, renda, produção, comércio, consumo guardam relação com resultados do Produto Interno Bruto (PIB). O enxugamento do mercado formal em 2015 e 2016, por exemplo, é consequência não apenas do afrouxamento da legislação e fiscalização sempre insuficiente, mas também da recessão econômica. O PIB brasileiro caiu, nesses dois anos, 3,8% e 3,6%, respectivamente. Na comparação com outras economias de países semiperiféricos, os resultados brasileiros assustam, diferentemente do que se observava em 2009, ano da crise internacional, quando o país esteve bem melhor.

Gráfico 2 – Variação do produto Interno Bruto (PIB) - 2009, 2015 e 2016 – países selecionados



Fonte: DIEESE – Fonte: DIEESE – Anuário dos Trabalhadores 2016

Elaboração: DIEESE Subseção APCEF São Paulo